

goethe: uma ciência que não come o outro*

por Bill Bywater,
Allegheny College

*Neste ensaio, espero demonstrar que o delicado empirismo de Goethe é uma ciência da vida em todas as suas formas. Para obter uma compreensão completa da vida, o método de Goethe exige que o cientista respeite e atenda a vida. Eu argumento que, para alcançar esse objetivo, é preciso se tornar um aprendiz para a vida. Tornar-se um aprendiz para a vida exige que um se recuse a comer o Outro. Isso implica que o método de Goethe pode ser empregado com proveito por qualquer pessoa que busque justiça social. Primeiro, eu elaboro sobre a idéia de bell hooks de comer o Outro usando várias críticas sociais afro-americanas. Então, explico o delicado empirismo de Goethe, contrastando-o com a ciência de seu tempo, que foi fundamentada em Bacon e Descartes e elaborada por Kant. Finalmente, expandindo-se sobre a discussão de aprendizagem de Elizabeth Spelman, desenvolvo a idéia de um aprendiz Goetheano, que é um praticante de uma ciência da vida baseada em uma moral que se opõe a comer o Outro.***

|

A afro-americana feminista e crítica cultural bell hooks criou a ideia de "comer e outro"¹ para descrever a maneira pela qual a cultura de consumo branca tradicional (do *mainstream*) nos Estados Unidos comodifica^[1] a cultura e a experiência afro-americana. No processo de comodificação, aqueles aspectos da vida afro-americana que são desagradáveis para a cultura ou consciência branca - por exemplo, todo tipo de injustiças presentes e passadas e o racismo contínuo nos Estados Unidos e a dor que causa - são descartados ou romantizados para criar uma "refeição" que é excepcionalmente deliciosa, intensa e satisfatória. Como hooks diz: "dentro da cultura das *commodities*, a etnia se torna apimentada, um tempero que pode animar o prato maçante que é a cultura branca predominante"². Não haverá fim para a comodificação do Outro e, portanto, para a opressão do Outro até que a ignorância e a romantização sejam substituídos por um pleno reconhecimento de todos os aspectos da cultura, experiência e história do Outro.

*Janus Head, 8(1), 291-310. Tradução livre, por Ana Biglione, autorizada pelo autor. Disponível em www.noeta.com.br.

** Estou em dívida com Steven Farrelly-Jackson, Jeanine Weeks Schroer e Tibor Solymosi por seus comentários úteis sobre versões anteriores deste ensaio.

[1] Comodificar como transformar em "commodity", mercadoria que geralmente não sofre processos de alteração (ou que é pouco diferenciada).



Simplesmente por expressar seu desejo de contato "íntimo" com os negros, os brancos não erradicam a política de dominação racial, pois esta se manifesta na interação pessoal. O reconhecimento mútuo do racismo, seu impacto tanto sobre aqueles que são dominados quanto sobre aqueles que dominam, é o único ponto de vista que possibilita um encontro entre raças que não se baseia na negação e na fantasia. Pois é a realidade sempre presente da dominação racista, da supremacia branca, que torna problemática o desejo dos brancos em terem contato com o Outro.³

Desde que hooks apresentou sua análise de comer o Outro no início da década de 1990, o filósofo Charles Mills ampliou esse tema em termos do que ele chama de "epistemologia da ignorância"⁴. Mills argumenta que uma epistemologia da ignorância está na base de supremacia branca mundial. Começando em, pelo menos, no século XVI (e provavelmente mais cedo), um "contrato racial" com alcance global foi elaborado e mantido por potentes interesses ocidentais. Ao descrever a dimensão epistemológica do contrato racial, Mills, como hooks, argumenta que a supremacia branca requer dos brancos um profundo mal-entendido acerca das realidades raciais.

Pode-se dizer, então, como regra geral, que o *mal entendimento, a falsa representação, a evasão e o autoengano dos brancos* em assuntos relacionados à raça estão entre os fenômenos mentais mais difundidos dos últimos anos; uma economia cognitiva e moral fisicamente necessária para a conquista, colonização e escravização. E esses fenômenos não são de modo algum *acidentais*, mas sim *prescritos* pelos termos do Contrato Racial, que exige um certo cronograma de cegueiras

e opacidades estruturais para estabelecer e manter a política branca.⁵

O ensaio de Barbara Christian intitulado "Crime de Inocência" foi publicado em 2001.⁶ Segundo Christian, o crime de inocência é negligenciar saber ou se recusar a conhecer, em situações em que o conhecimento traz consigo dilemas éticos que exigem que as pessoas "tomem medidas diretas que possam perturbar seu senso de si mesmas e/ou daqueles a quem estão relacionadas".⁷ Em seu ensaio, Christian lista 13 exemplos do crime de inocência, tal como aparece nos Estados Unidos contemporâneo. Aqui estão dois exemplos:

4. Esta é uma nação que presta homenagem aos seus filhos como seu futuro... No entanto, esta também é uma nação que se preocupa pouco com crianças pobres, tem dificuldade em apoiar as instituições educacionais e geralmente caracteriza os jovens, não os adultos, como a causa de muitos dos males da sociedade...

6. Esta é uma nação que se proclama campeã dos direitos das mulheres e acusa outras nações por seu atraso, mas pratica uma taxa sem precedentes de violência contra as mulheres...⁸

Christian argumenta que a inocência não é ética em uma democracia porque a prática da inocência torna a igualdade impossível. A igualdade nos Estados Unidos não será possível até que, como uma sociedade multicultural, todos reconheçam que somos muitos, de maneiras complexas, tocados pelo e também participantes desse crime de inocência. Só então a justiça social se tornará

possível. Charles Mills faz esse mesmo ponto em relação à supremacia branca global. A epistemologia da ignorância, juntamente com os outros elementos do contrato racial, aponta para um crime global de inocência - de uma recusa dos brancos e daqueles que apoiam ou imitam os brancos a se engajarem na justiça social global.

O fenômeno que Christian, Mills e hooks descrevem tão eloquentemente tem sido tema de discussão na comunidade negra nos Estados Unidos há mais de 175 anos. Em 1829, David Walker em seu Apelo aos Cidadãos de Cor do Mundo fez uma pergunta simples: por que os brancos são incapazes de reconhecer a humanidade dos negros?⁹ A resposta de Walker à pergunta era de que os brancos (nos Estados Unidos, pelo menos) eram incapazes de reconhecer a humanidade dos negros porque seu "monitor secreto" - que Deus colocou em cada ser humano e que nos dá a capacidade de reconhecer outros humanos - tinha sido arruinado pela avareza e ganância dos americanos brancos.

Para Walker, a ignorância dos brancos recai sobre o desejo branco de dominar e controlar todo o mundo com o qual os brancos têm contato. Na análise de Mills, também, o contrato racial contém não só um subcontrato epistemológico, mas também um "contrato de exploração" que permite que a cultura de consumo ocidental domine, controle e destrua outras culturas e suas pessoas, na medida em que se recusa a reconhecer o valor dessas culturas ou a plena humanidade de seus povos. Mills refere-se a essas recusas como o "subcontrato político" e o "subcontrato moral", respectivamente.

Esta riqueza de análise e argumento, cujos destaques eu apresentei apenas brevemente, tem que considerar uma pausa para qualquer um, como eu - homem branco acadêmico primordialmente teórico - e para todos os homens e mulheres tanto acadêmicos como não acadêmicos que trabalham dentro da tradição ocidental das ciências humanas. Devemos pausar para perguntar até que ponto nossas práticas não estão implicadas pelo crime de inocência e pela epistemologia da ignorância; em que medida não estamos implicados na exploração, nos contratos políticos ou morais que apoiam a supremacia branca. Assumindo com Christian, Mills, hooks e Walker que estamos implicados, devemos pausar, também, para nos perguntar como podemos ser capazes de nos libertar. Antes de passar a uma discussão sobre a orientação que Goethe pode nos dar com nossa prática, gostaria de salientar que a epistemologia da ignorância não se limita às ciências humanas. Ela também se encontra na ciência natural ocidental.

II

A ciência ocidental nunca foi imune às forças sociais que descrevem hooks, Mills e Walker. Quando um indígena americano tradicional Hau De No Sau Nee pergunta por que os brancos não podem ver que "todos os seres vivos são seres espirituais", que os humanos são "uma parte da criação, e que (o seu) dever é apoiar a Vida em conjunto com os outros seres", e que os humanos deveriam agradecer "o milho, os feijões, a abóbora, os ventos, o sol. Quando as pessoas deixam de respeitar e expressar gratidão por essas

muitas coisas, então toda a vida será destruída e a vida humana neste planeta chegará ao fim"¹⁰, Walker tem uma pronta resposta. Mills aponta para o contrato de exploração que foi aplicado igualmente tanto às terras e aos recursos dos não-brancos, quanto às suas culturas e vidas. A ciência moderna desenvolveu-se no mesmo contexto que o contrato racial.

No início do século XVII, Francis Bacon e Rene Descartes estabeleceram as bases para a ciência ocidental que contém a mesma paixão por dominar, consumir e controlar a natureza, como Mills descreve no caso do contrato racial. Carolyn Merchant, no livro agora clássico *A Morte da Natureza*¹¹, deixa claro como o empirismo de Bacon e o racionalismo de Descartes produzem uma compreensão da natureza que a transforma em um recurso - um Outro - que o Ocidente pode dominar e consumir, implantando a mesma visão de mundo que se encontra na raiz do que a ideia de hooks de comer o outro.

Bacon pediu que penetremos nas "entranhas da natureza" em busca de suas causas mais fundamentais. Seu empirismo indutivo emprega uma série de experiências que, por "natureza vexatória", permite aos cientistas, trabalhando em colaboração, descobrir as leis pelas quais a natureza funciona. O conhecimento é alcançado quando a ciência pode reproduzir as ações da natureza para que o controle sobre a natureza seja alcançado. Portanto, Bacon estabeleceu o que Antonio Perez-Ramos chamou de "equação marcante entre o conhecimento e o poder"¹². Merchant faz uma análise aprofundada das implicações do vínculo que Bacon cria entre conhecimento e poder ao destacar a visão de Bacon de que a natureza deve ser

conectada a um serviço", e a fez uma "escrava" através do uso de experimentos que força a natureza a desistir de seus segredos. Segundo Merchant, no pensamento de Bacon, a inquisição e a tortura das bruxas e os experimentos dos cientistas foram ambos modelados como no interrogatório das testemunhas em um tribunal de justiça. Ambos exibem o poder dos homens sobre a natureza.

Por outro lado, o racionalismo de Descartes baseou a verdade na intuição, isto é, na luz pura da razão que nos revela, fundamentalmente, que nós existimos, que somos seres pensantes, que existe uma diferença absoluta entre o pensar substância e a substância física e que o melhor conhecimento não é derivado dos sentidos, mas deve ser moldado com base na geometria e na matemática, cujos princípios primordiais não pairam dúvidas. Desses começos, Descartes concluiu que nossos corpos, os animais e o mundo como um todo, são máquinas. A máquina mundial trabalha com base na causalidade física do empurra-e-puxa, acima-e-abaixo que Descartes observou nos moinhos de vento, moinhos de água e relógios que foram amplamente utilizados no início do século XVII.

Apesar de o empirismo de Bacon e o racionalismo de Descartes estarem completamente em desacordo em relação a fonte do nosso melhor conhecimento, eles se transformaram na aliança (embora instável) do que chamamos atualmente de método científico. Eles se encontraram confortavelmente na sua abordagem agressiva à natureza. Para Descartes, uma compreensão adequada da máquina-natureza exige que ela seja desmontada em suas partes para assim penetrar nas entranhas, cantos e recantos da natureza, como Bacon recomendou. O interesse

empirista em deixar os dados observados falarem por si mesmos ficou menos interessante em comparação com o interesse de Descartes em transformar todas as observações em números, e todas as relações em equações que poderiam ser plotadas em suas coordenadas.

Para salvar a poderosa utilidade dos pensadores empíricos de matemática Cartesiana, se introduziu a distinção entre qualidades primárias e secundárias. As qualidades que nos são apresentadas pelos nossos sentidos de visão, toque, gosto, cheiro e audição são qualidades secundárias. É dito que são o resultado das ações dos objetos em nós. As qualidades que poderiam ser matematizadas, como movimento e massa, seriam as primárias. Elas vivem nos próprios objetos. Portanto, a natureza que o empirismo estuda não contém qualidades secundárias. Ela contém apenas propriedades quantificáveis. A epistemologia na base desse método é uma epistemologia da ignorância pois garante que tudo o que podemos saber é o que pode ser transformado em números pela própria matemática, concebida para que as ciências naturais façam seu trabalho de dominação e controle. Não sabemos nada além do que os nossos propósitos preconcebidos nos permitem conhecer. Damos as costas para todo o resto.

O filósofo alemão Immanuel Kant deu a melhor descrição dessa epistemologia da ignorância que encontrei. A descrição está no prefácio da segunda edição de seu livro *Crítica da Razão Pura*, publicado em 1787. Em 1787, a ciência moderna tinha se desenvolvido por 150 anos para além do trabalho de Bacon e Descartes. Isaac Newton havia morrido há 60 anos. O projeto de Kant era dar à ciência moderna um fundamento filosófico que garantiria que suas matematizações representariam com precisão a natureza. Ele também queria preservar um lugar para a legitimidade da ética e da crença religiosa, ao lado de uma natureza mecanicista que opera a partir de leis fixas. Na declaração de Kant, ouvimos o eco do apelo de Bacon para que a ciência domine e persiga a natureza enquanto endossa uma epistemologia cartesiana da ignorância:

[Estudantes da natureza] aprenderam que o raciocínio tem valor apenas em relação ao que produz a partir de um plano próprio, e que não se deve permitir manter esse plano, por assim dizer, nas mãos da natureza, mas deve, ele mesmo, mostrar o caminho a partir de princípios de julgamento baseados em leis fixas, restringindo a natureza à responder as questões determinadas pela própria razão. Observações acidentais, que não obedecem a nenhum plano previamente pensado, nunca podem ser feitas para produzirem uma lei necessária, a qual apenas a razão está preocupada em descobrir. A razão deve abordar a natureza para ser ensinada por ela, mantendo em uma mão seus princípios, segundo os quais apenas as aparências concordantes podem ser admitidas como equivalentes às leis e, em sua outra mão, o experimento que desenvolveu de acordo com esses princípios. No entanto, não deve fazê-lo como um aluno que ouve tudo o que o professor opta por dizer, mas como um juiz que obriga as testemunhas a responderem perguntas que ele mesmo formulou.¹³

Thomas Wartenberg analisou cuidadosamente a estrutura da compreensão de ciência de Kant.¹⁴ A pesquisa de Wartenberg confirma que a passagem citada acima caracteriza com precisão a posição de Kant. Wartenberg conclui que Kant afirma que as ideias teóricas - conceitos utilizados na ciência cujo uso não é justificado por meio de uma referência à experiência - são usadas nesse interrogatório da natureza.¹⁵

A prática da ciência estabelece objetivos que direcionam esses interrogatórios. Por exemplo, Wartenberg discute o princípio transcendental de Kant sobre os gêneros/espécies, que ele declara da seguinte maneira:

A natureza interna e externa tem tanta regularidade que os conceitos que usamos para descrevê-los devem ser capazes de se unificar em um gênero mais elevado.¹⁶

Essas ideias teóricas servem "para fornecer ao cientista a atenção focada na natureza que é característica da experimentação científica", diz Wartenberg.¹⁷ Ele também observa que, para a ciência Kantiana, "a experiência sem a orientação das ideias seria um caso bastante passivo em que o cientista apenas acumula observações feitas a partir da natureza".¹⁸

Investi esse tempo em Kant e na ciência moderna por dois motivos. O primeiro motivo é, olhando pra frente, que essa informação nos permita ver a radicalidade do delicado empirismo de Goethe. O segundo motivo, olhando para trás, é demonstrar que a ciência moderna se constitui de comer o outro, na medida em que consome e digere apenas o que é compatível com seus próprios interesses, a saber, a dominação e o controle da natureza. Devemos ver que esse interesse até infectou a visão do potencial humano implícita no modo de pensamento Baconiano-Cartesiano-Kantiano, que, por sua vez, estreitou desnecessariamente a visão da relação entre os seres humanos e a natureza.

III

Goethe chamou seu método científico de empirismo delicado. Ele descreveu isso em três aforismos, a seguir:

Algum dia alguém descreverá uma patologia da física experimental e mostrará todas as fraudes que subvertem nossa razão, seduzem nosso julgamento e, o que é pior, impedem qualquer progresso prático. Os fenômenos devem ser libertados de uma vez por todas da sombria câmara de tortura do empirismo, mecanismo e dogmatismo; eles devem ser trazidos perante o júri do bom senso comum do homem.

A natureza não revelará nada sob tortura; sua resposta franca a uma pergunta honesta é "Sim! Sim! - Não! Não!". Mais do que isso vem do mal.

Existe um empirismo delicado que se torna totalmente idêntico ao objeto, tornando-se assim a verdadeira teoria. Mas esse aprimoramento de nossos poderes mentais pertence a uma época altamente evoluída.¹⁹

Em 1807, Goethe escreveu um breve artigo intitulado "Nosso empreendimento é defendido", que em 1817 se tornou a introdução de seu livro sobre morfologia. Aqui está o primeiro parágrafo desse artigo:

Quando pessoas de intelecto animado^[2] respondem pela primeira vez ao desafio de compreender a Natureza, sentem-se irresistivelmente tentadas a impor sua vontade aos objetos naturais que estão estudando. Em pouco tempo, no entanto, esses objetos naturais se aproximam de nós com tanta força que nos fazem perceber que, em retribuição, devemos reconhecer seu poder e respeitar a autoridade que eles exercem sobre nós. Dificilmente estamos convencidos dessa influência recíproca quando tomamos consciência da dupla infinitude: nos objetos naturais, da diversidade da vida e do crescimento e das relações de interligação

vital; e em nós mesmos, da possibilidade de um desenvolvimento infinito, sempre mantendo nossas mentes receptivas e disciplinando nossas mentes em novas formas de assimilação e procedimento.²⁰

Na ciência Goetheana, pessoas de intelecto animado podem primeiro querer impor sua vontade sobre a natureza, mas logo percebem a força e a autoridade que a natureza tem sobre elas. Considere a diferença entre as pessoas de intelecto animado e os cientistas Kantianos. Os cientistas Kantianos precisam de ideias teóricas para focar sua atenção. Sem essas ideias, os cientistas apenas acumulam observações, passivamente. Eles seriam colecionadores, não experimentadores, que estariam gerando conhecimento. Na ciência Kantiana, parece não haver sentido na natureza como uma força ativa que pode concentrar nossa atenção por si mesma. A ciência Kantiana pressupõe que a natureza vem em pedaços não conectados, que só se poderiam ser aleatoriamente colecionados, a não ser que alguém tivesse uma teoria para organizá-los. Não há reconhecimento de "relações de interligação vital" que são aparentes às pessoas de intelecto animado. A ciência moderna com Kant como seu porta-voz mostra-se cega para o que o intelecto animado pode ver. O mundo das pessoas de intelecto animado é um mundo totalmente diferente do mundo daqueles que optam por ser guiados por ideias teóricas.

Como acredito que a ciência Kantiana moderna incorpora uma epistemologia da ignorância, estou intrigado pelo mundo muito diferente dos cientistas Goetheanos, que parecem estar abertos e receptivos ao desenvolvimento de novas formas de compreensão. Pergunto-me se o desenvolvimento de um intelecto animado seria uma ferramenta útil na luta contra o contrato racial de Mills ou contra a nossa inclinação cultural dos brancos a comerem o Outro. Pessoas com intelecto animado permitem que a natureza as abrace e emane nelas, enquanto eles tentam compreendê-la. Goethe diz: "Toda nossa atenção deve estar focada na tarefa de escutar a natureza para escutarmos o segredo de seu processo, para que não a assustemos com imperativos coercivos, nem permitamos que seus caprichos nos desviem do nosso objetivo."²¹ Suponha que a atenção total de uma pessoa devesse ser focada na tarefa de ouvir as vozes dos Outros, de tal forma que essas vozes, para citar Goethe novamente: "nos cercassem com tanta força que nos fizessem perceber que nós, em retribuição, devemos agora reconhecer o seu poder e respeitar a autoridade que exercem sobre nós." Imagine neste processo tomar consciência de uma "infinidade dupla": primeiro, na diversidade dessas vozes e na vitalidade das relações entre elas; e, em segundo lugar, na forma como um pode sofrer uma transformação uma vez que permanece receptivo ao que essas vozes estão dizendo. Estou muito atraído por esta imagem; para experimentar esse processo de compreensão e mudança.

Vamos olhar mais de perto a natureza do intelecto animado. O modo de "ouvir" a natureza de Goethe envolve uma reversão da vontade, de uma postura de fazer demandas para a natureza para uma postura de receber ativamente o que a natureza tem para oferecer. Essa reversão tem um duplo efeito. Por um lado, a natureza revela-se como "viva, ativa, com seus esforços direcionados do todo para as partes", diz Goethe. Por outro lado, capacidades específicas da mente humana são notadas. No que se segue, melhor servirá o meu propósito de me concentrar nas capacidades do intelecto animado e não no que o

intelecto animado descobre sobre a natureza. No entanto, Goethe descreve essas capacidades em termos da interação do intelecto animado com a natureza. Porque Goethe considera a natureza como um todo vivo que exhibe "a vida e o desenvolvimento de um centro desconhecido para uma periferia incognoscível"²², e porque ele acredita que a vida da natureza é destruída quando todos são divididos mecanicamente em suas partes²³; eu acredito que é legítimo para nós vermos a natureza de Goethe como um Outro e, portanto, é legítimo pensar nos Outros humanos enquanto lemos as descrições de Goethe sobre as capacidades.

Três capacidades importantes do intelecto animado que distinguem o método Goetheano da ciência moderna são: percepção intuitiva, imaginação perceptiva e nossa capacidade de sintetizar. A percepção intuitiva (*Anschauung* de Goethe) é a nossa capacidade de compreender um todo através do estudo de suas partes e ver as partes como uma manifestação de um todo unificado. Goethe descreve este processo da seguinte forma:

Duas necessidades surgem em nós quando observamos a Natureza: ganhar conhecimento completo dos próprios fenômenos, e depois torná-los nossos por reflexão sobre eles. A integridade é um produto da ordem, a ordem pede um método, e um método facilita a percepção do conceito. Quando somos capazes de pesquisar um objeto em todos os detalhes, compreendê-lo corretamente e reproduzi-lo em nossos olhos da mente, podemos dizer que temos uma percepção intuitiva no seu sentido mais verdadeiro e mais elevado. Podemos dizer que ele nos pertence, que conseguimos uma certa maestria disso. E,

portanto, o particular sempre nos leva ao geral, o geral ao particular. Os dois combinam seus efeitos em cada observação, em cada discurso.²⁴

Quando estudamos um organismo, somos apresentados a uma *Gestalt* - "o complexo da existência apresentado por um organismo físico"²⁵, diz Goethe. *Gestalten* parece ser estável, mas Goethe nos lembra que, se olharmos de perto, não há nada fixo ou em descanso - "tudo está em um fluxo de movimento eterno"²⁶. De uma série de *Gestalten*, podemos começar a criar um *Bildung* do organismo. Um *Bildung* é uma compreensão mais completa do organismo que inclui suas mudanças ordenadas ao longo do tempo e uma compreensão dele como um ser adulto ou maduro. É uma percepção intuitiva que nos permite tomar as *Gestalten* e criar a partir delas um *Bildung*. Um *Bildung* surge como mais do que a soma das *Gestalten* que são usadas para formá-lo. Nossos próprios poderes de compreensão e síntese (Goethe usa *Vernunft* para capturar esses poderes) são empregados na criação de um *Bildung*. Um *Bildung* é mais que a soma de seu *Gestalten* porque em sua criação eliminamos, compilando cada vez mais e mais *Gestalten*, as características acidentais dos organismos individuais, de modo que vemos mais claramente cada momento na existência do organismo e a continuidade do organismo se desenvolvendo ao longo do tempo. O empirismo delicado enfatiza a continuidade encontrada na natureza e o espelhamento desta continuidade no método do empirismo delicado e como característica do intelecto animado. Os próprios *Bildungen* podem ser usados como *Gestalten* em um processo que desenvolve um *Bildung* mais geral de plantas ou animais. Goethe chamou esse *Bildung* tão geral de *Urphanomen*, geralmente traduzido como fenômeno arquetípico.

Categorias empíricas podem ser subordinadas em categorias científicas, levando a níveis ainda maiores. No processo, nos familiarizamos com certas condições necessárias para o que está se manifestando. A partir deste ponto, tudo gradualmente cai em lugar de princípios e leis superiores, revelados não à nossa razão através de palavras e hipóteses, mas a nossa percepção intuitiva através dos fenômenos. Chamamos esses fenômenos de fenômenos arquetípicos porque nada superior se manifesta no mundo; tais fenômenos, por outro lado, nos permitem descer, assim como subimos, passando passo a passo dos fenômenos arquetípicos para a ocorrência mais mundana em nossa experiência cotidiana.²⁷

Em seu famoso encontro com Schiller, a descrição de que Goethe intitulou "Encontro Fortuito", Goethe diz que quando ele descreveu *Bildung* e *Urphanomen* para sugerir a Schiller "que pode haver outra maneira de considerar a Natureza, não fragmentada e isolada, mas trabalhando ativamente, enquanto ela procede do todo para as partes", o último respondeu: "Isso não é uma observação da experiência. Isso é uma idéia."²⁸ Goethe nunca aceitou essa caracterização Kantiana de seu método. Essa não é uma descrição exata de nossa capacidade da percepção intuitiva. É a percepção intuitiva que nos torna "totalmente idênticos ao objeto", através do duplo processo de fazer entrar o objeto em nós mesmos através do estudo de sua *Gestalten* e, então, na formação de seu *Bildung*, vendo a vivacidade do objeto no próprio objeto. H. R. Stephenson descreve este processo como produzindo "uma espécie de coordenação estereoscópica de dois modos diferentes de percepção - abrangendo simultaneidade e sucessão respectivamente - a percepção adquirida traz esse caráter de solidez"²⁹.

A percepção intuitiva não seria possível sem a nossa capacidade que Goethe chama de "imaginação perceptiva". No processo, Goethe a chama de imaginação sensorial exata, quando o pesquisador incorpora por meio da imaginação a cada detalhe de um *Gestalten*, reproduzindo cada detalhe da memória (geralmente desenhando) e novamente se volta para o fenômeno para verificar a acurácia da memória. Esse processo tanto afila as memórias individuais das *Gestalten*, quanto também começa o processo de criação de um *Bildung*. Goethe diz que a imaginação é primeiro re-criativa, repetindo apenas as características da *Gestalten* como na imaginação sensorial exata. Mas, ele continua,

Além disso, é produtivo por animar, desenvolver, estender, transformar os objetos. Além disso, podemos postular uma imaginação perceptiva que apreende identidades e semelhanças... Não me refiro a uma imaginação que vai no vago e imagina coisas que não existem; eu quero dizer de uma imaginação que não abandona o solo real da terra, e dá passos para supor e conjecturar coisas a partir do real e do conhecido. Então ela pode provar se essa ou aquela suposição é possível, e se não está em contradição com leis já conhecidas.³⁰

À medida que as *Gestalten* de um objeto são colocadas em uma série, os elementos separados começam a interpenetrar-se na imaginação perceptiva. "Eles começam a se apresentar à observação de alguém como uma organização que manifesta uma vida interior própria."³¹ Esse é o coração do empirismo delicado. *Vernunft* reúne as atividades de nossos corpos e nossas mentes em uma unidade indissolúvel que, exibindo continuidade, rejeita totalmente a divisão Cartesiana entre os dois. Isso faz com que Goethe faça

comentários como este sobre o ver:

... há uma diferença entre ver e ver; ... os olhos do espírito têm que trabalhar em uma conexão de vida perpétua com os do corpo, pois de outra forma um corre o risco de ver e ainda assim ver além da coisa.³²

O processo de pesquisa que emprega percepção intuitiva e imaginação perceptiva mostra o papel vital que a síntese e a continuidade devem desempenhar na nossa compreensão do mundo. No entanto, *Vernunft* também exibe um ritmo natural que traz à nossa atenção a presença da polaridade que também é necessária para a síntese. *Vernunft* exibe uma circulação contínua do específico e individual (um polo) para o geral e abstrato (outro polo) e vice-versa. Análise e síntese são polos. Goethe estava preocupado com o fato da ciência de seu próprio tempo ter perdido contato com nossa capacidade de síntese. "Um século tomou a estrada errada se ele se dedica exclusivamente à análise enquanto exibe um aparente medo da síntese: as ciências só ganham vida quando ambas existem lado a lado, como o exalar e inspirar", diz ele.³³ Inspiração e exalação são polos. Natureza e nós somos polos. "Ver e ver" são polos. A polaridade existe na síntese e continuidade. A síntese e a continuidade existem apenas porque existe uma polaridade. As polaridades não são forças opostas que podem cancelar-se. Sua interação é viva e complexa. Ela sempre produz mais do que uma soma das suas partes.

À medida que desenhamos a natureza em nós mesmos, como ao inspirar, nos sentimos expandindo, crescendo. Goethe compara esse processo ao desenvolvimento de novos órgãos de percepção. Ele diz: "Todo objeto novo, bem

contemplado, cria um novo órgão de percepção em nós"³⁴. O uso de *Vernunft* "exige uma moldagem do pobre ego do homem, uma transformação tão grande que nunca deveria ter sido acreditada como possível... É uma síntese da mente com o mundo externo..."³⁵

IV

Há quase vinte anos Elizabeth Spelman fez uma sugestão ousada as pessoas privilegiadas que desejam promover e aprender a partir da justiça social com aqueles que foram marginalizados. Para promover o aprendizado e a justiça, Spelman propôs em seu livro *Mulher Inessencial* que as pessoas de privilégio se tornem aprendizes dos Outros.³⁶ Aprendizagem é o nome que Spelman dá ao processo pelo qual as pessoas de privilégio se subordinam a Outros. A aprendizagem ensina ao que o mundo do privilégio se parece quando visto de fora pra dentro. Ela ensina o que é ser subordinado ao conhecimento de Outro - conhecimento que vem de um lugar que não é familiar - e o que é ter os próprios poderes de geração de conhecimento rebaixados. Ensina a cegueira do privilégio e da dor que essa cegueira pode trazer aos outros. Ensina sobre a força que é gerada por indivíduos e comunidades que vivem as margens do privilégio. De acordo com Spelman,

Sabemos que o racismo e outras formas de opressão resultam (assim como exigem) falta de conhecimento, especialmente uma falta nos opressores de conhecimento real sobre os oprimidos... A aquisição de tal conhecimento requer um tipo específico de aprendizagem; e tornar-se um aprendiz de alguém está em desacordo com o poder político, social e econômico sobre eles.³⁷

Certamente, há mais complicações em relação à ideia de aprendizagem de Spelman do que eu considere. No entanto, posso dizer que uma complicação é a medida em que essa ideia de aprendizado é realmente incompatível com o fato do aprendiz ter poderes políticos, sociais ou econômicos sobre o seu mestre. Mesmo as pessoas brancas privilegiadas, que Charles Mills chama de "traidores da raça" - os brancos que "falam e lutam contra os termos do Contrato Racial"³⁸ -, continuarão inevitavelmente a se beneficiar da supremacia branca que as rodeia. A aprendizagem de Spelman requer um ato de auto-restrição por parte do aprendiz, com base em uma avaliação moral pela aprendizagem do aprendiz privilegiado e das normas sociais que envolvem o aprendiz e o Outro. A aprendizagem não está tão em desacordo com o poder social, político ou econômico, quanto com abraçar ou aceitar ou agir sobre esses poderes. Para evitar comer o Outro, um aprendiz deve ser um traidor - de sua raça, classe ou sexo; ou mesmo para a ciência, se você é Goethe.

Considere a situação dos cientistas Goetheanos que têm à sua disposição toda a tecnologia moderna que foi desenvolvida para perseguir a natureza em seus recantos e caminhos de forma a arruinar seus segredos. As práticas de percepção intuitiva, imaginação perceptiva e o uso de *Vernunft* exigem que os cientistas Goetheanos tomem o tempo para examinar as tecnologias modernas, para interrogar essas tecnologias sobre como elas nos enganam, e sobre a medida em que podem realmente ser úteis na atividade de síntese e quando geram conhecimento do todo para suas partes. Essas são as questões morais sobre o tipo de relação correta dos cientistas com a natureza. Dada a presença dessas questões e a autocontenção - mesmo a traição - que elas exigem, penso que é sensato dizer que praticar o empirismo delicado é fazer-se aprendiz de natureza. Portanto, nossa primeira descoberta com relação a aprendizagem Goetheana é:

A aprendizagem requer uma intervenção na cultura do aprendiz que, por meio de atos de autocontenção, recusa os termos do "contrato" oferecido pela sociedade que envolve o aprendiz. A aprendizagem é traidora.

Uma segunda complicação em relação à noção de aprendizagem de Spelman é que o aprendiz deve ter um mestre que se recusa a ser comido. A aprendizagem está vazia se o mestre dever fidelidade ao status quo ou invejar o aprendiz. O aprendiz deve ser confrontado para que toda sua capacidade - de autocontenção traiçoeira - seja chamada a ser usada e expandida. Os aprendizes devem querer isso por si mesmos, pois, em última instância, só eles terão de resistir à inclinação de se afastar dos mestres que exigem seus melhores esforços. Dependendo do seu nível de percepção intuitiva e imaginação perceptiva, os aprendizes esforçar-se-ão para entender o que Frederick Douglass quis dizer quando ele fala que não saber seu aniversário deixou-o sem um início inteligível no mundo; o que Martin Luther King Jr. quis dizer quando falou que os afro-americanos ocupam o topo moral dos Estados Unidos com uma visão de justiça que é necessariamente mais profunda do que as visões que os brancos americanos podem produzir; o que Malcolm X quer dizer quando pra ele, eles são o diabo de olhos azuis; ou para David Walker, que 130

anos antes suspeitava tanto; ou o que Aime Cesaire quis dizer quando falou que dentro de cada homem branco há um Hitler. Ser um aprendiz desse tipo de conhecimento é enfrentar algum dos aprendizados mais difíceis que podem existir. É o tipo de aprendizagem que desmorona as bases de uma pessoa branca.

Os ensinamentos de seus mestres dão aos aprendizes oportunidades para abrir novos órgãos de percepção, enquanto os aprendizes coletam um *Gestalt* de cada vez, colocando-os lado a lado para desenvolver ideias maiores sobre a natureza de seus próprios mundos e os mundos de seus mestres. *Bildungen* de privilégio, de opressão, de racismo e de sexismo crescem lentamente à medida que as *Gestalten* são coletadas e depois fundidas pelos poderes imaginativos e sintetizadores de *Vernunft*. Ao longo do tempo, os aprendizes podem entender os pontos fortes e fracos de seus mestres. Pode ficar claro de que maneira um mestre foi seduzido por um privilégio enquanto outro resiste à mesma sedução. Uma compilação de *Gestalten* de mestres pode render uma imagem de um *Urmeister* totalmente não seduzido por privilégios e totalmente comprometido com a justiça social. Uma compilação de *Gestalten* de aprendizes pode render uma imagem de um *Urlehrling* que colocou de lado toda a resistência para assumir o aprendizado mais difícil, que pode fluir à medida que novos órgãos de percepção abrem - nossos militares deram aos nativos americanos cobertores deliberadamente infectados com varíola! - quem está desenvolvendo uma identidade que não depende de privilégios, mas de uma visão de justiça social que envolve uma prática local imersa de uma perspectiva global. Portanto, outro achado no que diz respeito a aprendizagem Goetheana é:

A aprendizagem para uma ciência que não come o Outro exige coragem, persistência, compromisso e esforço por parte de humanistas, cientistas humanos e cientistas naturais. Os aprendizes são guiados pela imagem de Goethe da época refinada, quando as câmaras de tortura do empirismo teriam sido fechadas e as desigualdades selvagens entre nós teriam desaparecido e nossas melhores capacidades de percepção e imaginação teriam se tornado a cultura dominante.

Uma terceira complicação associada à ideia de aprendizagem de Spelman é a possibilidade de que não haja mestres; que talvez não haja Outro que deseje ter pessoas privilegiadas como aprendizes. É verdade que afro-americanos, nativos americanos e muitos outros se ofereceram como mestres para aprendizes privilegiados. No entanto, nenhuma dessas pessoas foi obrigada a ser mestre. Quando os privilegiados assumem e esperam que as pessoas de cor se ofereçam como mestres, eles estão agindo com base em privilégios. É um comer do Outro insistir em que o fardo do Outro vai ajudar a consertar a bagunça que a colonização branca criou no mundo. É um comer do Outro assumir que os Outros organizem suas vidas e sensibilidades para estarem preparados a qualquer momento para responder ao interesse de aprender a verdade sobre sua cultura ou sobre a verdade sobre como a opressão realmente dói. Se esta é a situação, o mestre é escravizado pelo aprendiz. Os aprendizes devem lembrar que não haveria nenhum pedido de mestres se a cultura do aprendiz não tivesse se envolvido na opressão e no colonialismo.

○ ônus depende de candidatos a aprendizes que se preparem para servir a um mestre. Já vimos que os

aprendizes de uma ciência que não coma o Outro devem ser traidores, corajosos e comprometidos com uma visão da justiça social - a época refinada de Goethe. Os aprendizes também devem se esforçar para conhecerem a história da brutalidade que aqueles com privilégio e poder perpetraram contra Outros. Existem inúmeros relatos dessa brutalidade produzida por seus perpetradores. Os aprendizes precisam aprender sua própria história - não apenas para aprender sobre suas glórias, mas para aprender com suas brutalidades. 'Aprender com' é usar de um empirismo delicado. *Gestalten* não são celebradas como eventos individuais aos quais se aprende, mas são usadas para criar um senso do todo. Um senso da continuidade em que as *Gestalten* estão imersas. Um senso da síntese das glórias e brutalidades.

Este aprendizado é base fundamental para, em primeiro lugar, a habilidade do aprendiz de deixar de lado qualquer ressentimento que possa sentir sobre ter que acomodar a maneira de pensar dos Outros sobre si mesmo. Aprender a si mesmo à imagem do Outro é facilitada pelo conhecimento histórico que desafia as fantasias de alguém sobre si mesmo e encoraja alguém a abandonar todo o êxtase fantástico que possa acompanhar a contemplação da civilização ocidental.

Em segundo lugar, esse aprendizado é fundamental para a capacidade do aprendiz de resistir a oferecer rapidamente ou exigir insistentemente soluções imediatas para os problemas, ou correções imediatas às circunstâncias que geralmente criam horror, repulsa ou culpa na pessoa privilegiada. É um sinal de privilégio e um ato de comer o Outro que uma pessoa que experimenta esses sentimentos deva poder controlar como os Outros respondem aos tais problemas ou circunstâncias. Só porque estou chateado, isso não me dá o direito de reagir aos meus sentimentos, impondo uma solução que pode não ser satisfatória para todos os afetados pela situação. As soluções são criadas pela coleção cuidadosa de *Gestalten* de todos os que são confrontados com o problema ou circunstância. Quando as pessoas privilegiadas assumem o papel de aprendiz ou tomam problemas que são introduzidas por Outros, essas pessoas não devem esperar gratidão ou agradecimento especiais. Além do fato de que a existência do privilégio causou o problema em primeiro lugar, um aprendiz de uma ciência sintetizadora, que trabalha do todo para partes, bem como das partes para o todo, sabe que não há problemas que são "seus" ou apenas "nossos". Portanto, um terceiro aspecto em respeito a aprendizagem Goetheana é:

O aprendiz é um praticante de uma ciência que não come o Outro. Uma ciência que não come o Outro é uma ciência profundamente moral, tal como é exibida pela contenção que exige e pelas considerações éticas que fundamentam essa contenção. Portanto, o papel de aprendiz é um papel que todos devemos desempenhar de várias maneiras, dependendo do assunto de nossas investigações.

Pude expandir a ideia de Aprendizagem de Spelman colocando-a no contexto da ciência de Goethe. Parte desse contexto é a rica ideia acerca da imaginação trazida por Goethe, que é a base de nossa interação com a natureza, inclusive uns com os outros. Em seu trabalho, Spelman se baseia em uma ideia muito menos rica de imaginação. Ela emprega a ideia de imaginação de Sartre que, do ponto de vista de Goethe,

é limitada ao simples poder de criar imagens que não têm conexão com a experiência. Spelman coloca desta maneira:

Sartre afirma que um dos prazeres - um dos suspeitos, com certeza - de imaginar alguém ou algo é que nunca há nada indisciplinado, resistente ou indesejável sobre a imagem, pois você nunca encontra nada em uma imagem exceto o que você colocou lá.³⁹

Spelman e Goethe concordam que a compreensão de Sartre da imaginação não serve de nada ao aprendiz. Spelman, sem ter Goethe como guia, é forçada por Sartre a contrastar a imaginação com a percepção. Goethe, por outro lado, contrastaria a percepção intuitiva e a imaginação perceptiva com a compreensão mais limitada da imaginação de Sartre. Gostaria de pedir que sigamos Goethe para que possamos manter um sentido de interação que está envolvida no conhecimento. Usar "percepção" como o oposto da "imaginação" perpetua um mal-entendido de nossa relação com os objetos do nosso conhecimento. Ele perpetua um erro Kantiano e mecanicista que ameaça mergulhar o aprendiz no solipsismo.

V

Finalmente, voltemos à descrição de Kant sobre o método científico. Para Kant, os alunos da natureza se aproximam do objeto de seu estudo sustentando, em uma mão, princípios de razão ou julgamento e, em outra, um experimento (elaborado em conformidade com os princípios) pelo qual devem ser ensinados pela natureza. No entanto, serem ensinados pela natureza não é tornar-se um aprendiz, mas ser um juiz que obriga a natureza a responder questões que ele mesmo formulou. As perguntas são formadas usando os princípios da

razão, que são também os princípios da matemática e da lógica. Em contraste com Kant, Goethe pensou que uma "separação rigorosa" deveria ser mantida entre a ciência natural e a matemática.⁴⁰ Em um de seus ensaios mais famosos, "O Experimento como Mediador entre Objeto e Sujeito", ele diz:

Do matemático, devemos aprender o cuidado meticuloso necessário para conectar coisas em sucessão ininterrupta, ou melhor, para derivar as coisas passo a passo. Mesmo quando não nos aventuramos a aplicar a matemática, devemos sempre trabalhar como se tivéssemos de satisfazer o mais estrito dos geométricos.⁴¹

Goethe recusou-se a transformar *Gestalten* em números. Para que elas nos ensinem qualquer coisa, as *Gestalten* devem ser colocadas em sucessão temporal ou de desenvolvimento, de modo que a percepção intuitiva e a imaginação perceptiva, respondendo à continuidade e polaridade da natureza, possam formular ideias gerais sobre os complexos maiores aos quais pertencem. A matemática da época de Goethe congelou as coisas, bloqueando nossas capacidades de síntese e, assim, fazendo com que um aprendiz perdesse a noção das transições entre as *Gestalten* e, portanto, a sua vivacidade. Na verdade, perdendo, de fato, toda a vontade de expressão.

Considere o que é provável que aconteça se uma pessoa privilegiada se aproximar de um Outro como um juiz que planeja obrigar uma testemunha a responder perguntas que ele mesmo formula. Você ficaria por perto para tal interrogatório? Talvez se você estivesse sendo pago o suficiente, ou se fosse um aproveitador, ou se o juiz o tivesse encarcerado. Podemos facilmente reconhecer que

condições como essas não irão inspirar confiança nos resultados da investigação. Por outro lado, é prático - ou seja, eficaz para ganhar conhecimento - e ético, se aproximar de outro humano na atitude de um aprendiz. Nem a natureza não-humana é diferente. Pense nas aprendizagens que os observadores de gorila oferecem. Os observadores de plantas também não estão à disposição? E, também de micróbios? Portanto, uma quarta descoberta em relação a aprendizagem Goetheana é:

A ciência que não come o Outro é a ciência da vida, em todas as suas formas.

Nós temos uma ciência bem desenvolvida da não-vida, a qual temos aprimorado por vários séculos. Nós a aplicamos a tudo, humanos inclusive. Pode ser tentador virar a mesa e aplicar a ciência da vida a tudo, rochas inclusive. Acho que Goethe recomendaria essa mudança. Sua tendência para ver a polaridade e a continuidade em toda a natureza o levariam a achar inevitável e apropriado - para alguém (com um intelecto animado) que estava exclusivamente usando a ciência da não vida - para tomar consciência do fato de que a vida, em si, estaria recuando, demandando por ser reconhecida. E ele teria achado inevitável e apropriado - para alguém que estava exclusivamente usando a ciência da vida - para se tornar consciente de que a não vida estava recuando, demandando por um reconhecimento próprio. Goethe observaria que, como em seu tempo, em nosso mundo, as duas ciências estão fora de equilíbrio. Goethe promoveu a ciência da vida em seu mundo. Em nosso mundo também há sinais esperançosos de que a ciência da vida e, através dela, a própria vida, estão clamando por reconhecimento.⁴²

Notas (em inglês, como no original):

1 hooks, b. (1992). Eating the Other. In Black looks: Race and representation (pp. 21-39). Boston: South End Press.

2 Ibid, p. 21.

3 Ibid, p. 28.

4 Mills, C. (1997). The racial contract (p. 18). Ithaca: Cornell University Press.

5 Ibid, p. 19. Italics in the text.

6 Christian, B. (2001). The crime of innocence. In D. Batstone & E. Mendieta (Eds.), The good citizen (pp. 51-64). New York: Routledge.

7 Ibid, p. 57.

8 Ibid, p. 52, p. 53.

9 Walker, D. (1965). An appeal to the coloured citizens of the world, but in particular, and very expressly, to those of e United States of America. New York: Hill & Wang.

10 Akwesanne Notes (Ed.) (1981, Revised Edition). basic call to consciousness (pp. 71- 72). Summertown, Tennessee: Book Publishing Company.

11 Merchant, C. (1980). e death of nature: Women: Ecology and the scientific revolu- tion. NY: Harper & Row.

12 Perez-Ramos, A. (1996). Bacon's forms and maker's knowledge tradition. In M. Peltonen (Ed.), e Cambridge companion to Bacon (p. 111). Cambridge: Cambridge University Press.

13 Smith, N.K. (1963). Immanuel Kant's Critique of Pure Reason (p.20). London: Macmillan & Co.

14 Wartenberg, T.E. (1992). Reason and the practice of science. In P. Guyer (Ed.), e Cambridge companion to Kant (pp.228-248). Cambridge: Cambridge University Press.

15 Ibid, pp. 229, 242.

16 Ibid, p. 235.

17 Ibid, pp. 243-244.

18 Ibid, p. 243.

19 Miller, D. (1995). Goethe: e collected works, Volume 13. Scientific studies (pp. 309 & 307). Princeton: Princeton University Press.

20 Naydler, J. (1996). Goethe on science (pp. 86-87). Edinburgh: Floris Books.

21 Ibid, p. 72.

22 Miller, p. 43.

23 Miller, p. 63.

24 Miller, p. 155.

25 Miller, p. 63.

26 Miller, p. 63.

27 Miller, pp. 194-95. Italics in the text.

28 Miller, pp. 18-21.

29 Stephenson, R.H. (1995). Goethe's conception of knowledge and science (p. 12). Edinburgh: Edinburgh U. Press.

30 Naydler, p. 118.

31 Naydler, p. 83.

32 Ibid, p.115.

33 Miller, p. 49.

34 Ibid, p. 39.

35 Naydler, p. 120.

36 Spelman, E.V. (1988). Inessential woman: Problems of exclusion in feminist thought (pp. 178-183). Boston: B. Press.

37 Ibid, p. 178.

38 Mills, p. 107.

39 Spelman, p. 108.

40 Naydler, p. 65.

41 Miller, p. 16.

42 A few examples among many hopeful signs are James Lovelock's Gaia theory, the work of Lynn Margulis and Dorion Sagan on the nature of life and evolution, the work of Brian Goodwin which explicitly appeals to Goethe's science, and the work of Eva-Maria Simms in early childhood development.

Traduzir, publicar e editar textos inspiradores que ampliam a compreensão de uma prática social reflexiva é uma das iniciativas desenvolvidas pela noetã.
www.noeta.com.br

noetã

textos inspiradores
prática social reflexiva